

---

## Reflexões Teóricas Preliminares Sobre os Conceitos de Gênero, Sexualidade e Teoria *Queer* com Vistas À Análise das Identidades de Gênero no Espaço Escolar e à Produção de uma Pesquisa Empoderadora

Carolina Gonçalves Gonzalez<sup>1</sup>

52

No presente artigo pretendo apresentar reflexões teóricas sobre os conceitos de gênero, sexualidade e estudos *queer* que lançaram luz no problema de pesquisa que pretendo analisar ao longo de meus estudos de Doutorado. Desta forma, será apresentada brevemente uma introdução do meu problema de pesquisa, algumas reflexões sobre a interface dos estudos feministas e estudos da linguagem e os conceitos de gênero e sexualidade que pretendo utilizar em meus estudos. Conclui-se com este trabalho que tanto linguagem quanto gênero são campos complexos, os quais são teorizados e problematizados das mais diferentes formas por distintas abordagens, sendo necessário delimitar tanto epistemológica quanto ontologicamente quais os objetivos das pesquisas que pretendam fazer dialogar estes conceitos.

Palavras-Chave: gênero, sexualidade, teoria *queer*, linguagem, discurso.

### Introdução ou apresentação do problema

A apresentação do problema de pesquisa com o qual eu desejo trabalhar no doutorado requer, antes de tudo, uma breve apresentação de minha trajetória até chegar a este problema, ambas questões que estão profundamente imbricadas. Sou educadora e, como tal, possuo profundo interesse em compreender como o processo educativo e pedagógico influencia a construção e constituição das identidades e papéis sociais das pessoas. Trabalho há seis anos com a disciplina de Sociologia, minha área de formação na graduação, e, graças aos estudos na área, passei a desenvolver bastante interesse em compreender como são construídas as identidades de gênero e como as representações discursivas ocorrentes no contexto escolar se relacionavam às constituições destas identidades.

Para tanto, procurei em minha trajetória de escolarização e formação estabelecer um diálogo entre as Ciências Sociais e a Linguística. No ano de 2011 iniciei meus estudos de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. E-mail: [carolgonzalezmestrado@gmail.com](mailto:carolgonzalezmestrado@gmail.com)

Universidade de Brasília e comecei a constituir um *corpus* para uma pesquisa que tinha como finalidade compreender como ocorre a construção das identidades femininas no ambiente escolar e a naturalização desta construção pela sociedade. Com este objetivo em foco, delimito um campo de pesquisa, a escola na qual eu trabalhava, e iniciei o processo de geração e coleta de dados linguísticos para proceder à análise do material coletado.

Durante todo o processo de coleta e geração de dados, durante a análise destes dados e, em especial, durante o processo de conclusão, me chamou atenção o fato de que não só as identidades femininas como as masculinas sofriam uma forte imposição de um *habitus* cultural (BOURDIEU, 1984; 1996) e de uma violência simbólica (BOURDIEU, 1996) em seus processos de constituição e formação. Tanto alunas mulheres quanto alunos homens estavam sujeitos a uma série de arbitrariedades ligadas ao conceito de gênero no que diz respeito aos eventos de letramento (escolha do conteúdo das leituras, forma de ler em voz alta, caligrafia), às preferências por disciplinas (havia uma pressuposição em diversas representações discursivas de sujeitos presentes no contexto analisado de que meninas deveriam preferir disciplinas ligadas à 'emoção', como linguagens e códigos e ciências humanas, e meninos deveriam preferir disciplinas ligadas à 'razão', como Matemática e Ciências Naturais), não se tratando, pois, de haver uma necessidade na minha pesquisa de estudar apenas a dominação que se impõe de um gênero sobre outro, ou seja, do masculino sobre o feminino, mas de entender que as construções de identidades de gênero impõem formas de agir, pensar, crenças, valores e costumes a ambos os gêneros (MOSS, 2007). Não se trata, com isto, de admitir que não haja um problema de dominação entre o par binário composto pelo feminino-masculino, com a dominação do primeiro pelo segundo (LOURO, 1997). A minha pesquisa me levou a concluir, entre outras coisas, que há sim um protagonismo masculino em sala de aula, sendo os homens representados discursivamente como detentores do saber racional, sendo suas vozes e nomes mais reforçados na sala e sendo esperado que esse gênero exerça domínio sobre o outro. No entanto, da

mesma forma como é imposto à mulher que ela seja dominada, há uma imposição para que o masculino exerça a dominação.

O que me questionei, graças a essas conclusões, e que me levou ao desejo de poder vir a cursar doutorado para transformar esses questionamentos em uma pesquisa, é o que acontece quando as expressões de identidades de gênero de crianças em contexto escolar fogem ao que a heteronormatividade impõe. Em diversos momentos durante o levantamento de dados para a minha pesquisa de mestrado pude perceber que há um apagamento discursivo de expressões de identidades que sejam diferentes ao masculino e ao feminino, havendo uma associação da naturalização das identidades a partir de uma matriz biológica, impondo-se, pois, a heteronormatividade. Houve um caso bastante específico de um aluno que possuía sexualidade masculina e expressão de identidade próxima em alguns eventos ao que se associa ao feminino. Ao questionar meus e minhas colaboradoras de pesquisa sobre este menino, as pessoas se negavam ou se furtavam a falar sobre o assunto, mostrando insegurança, temor ou desconhecimento.

Dentro do enquadre teórico e metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), é preciso salientar, os trabalho que utilizarem as bases lançadas pela Análise de Discurso Crítica sempre partirão da percepção de um problema como tal, geralmente baseado em relações de poder, de distribuição assimétrica de recursos materiais e simbólicos em práticas sociais, na naturalização de discursos particulares como sendo universais, dado o caráter crítico da teoria. Mas, como segundo passo, é necessário identificarem-se os obstáculos para que o problema seja superado, ou seja, identificar os elementos da prática social que sustentam o problema verificado e que constituem obstáculos para a mudança estrutural. Dadas as justificativas apresentadas na primeira seção deste artigo, fica claro como este enquadre serve tanto à percepção quanto às motivações para a superação de um problema situado nas práticas sociais e materializado também discursivamente, mas não somente.

## Os estudos feministas e a Análise de Discurso

Questões e estudos feministas têm sido pensadas ao longo do século XX e XXI por diversas áreas do conhecimento e com as mais diferentes abordagens e colaborações. Segundo Virginia Olesen *in* Denzin & Lincoln (2006) a investigação feminista é dialética e possui diferentes visões que se fundem para produzir novas sínteses que, por sua vez, formam as bases da pesquisa, da práxis e das políticas que estão por vir. Ainda segundo a autora, pesquisas para e sobre as mulheres já consituem um campo do saber próprio e autônomo, independente em larga medida de outras linhas de pesquisa e áreas do saber consolidadas, como as Ciências Sociais e Ciências da Linguagem.

Ainda Olesen (2006) afirma que diferentes feminismos compartilham de diferentes orientações teóricas e pragmáticas, refletindo contextos nacionais nos quais as agendas feministas apresentam muitas diferenças. Tendo isto em conta, a Análise de Discurso em si figura como uma das possibilidades de enquadre teórico para os estudos feministas.

Falar em feminismo e análise de discurso crítica envolve sempre a necessidade de delimitar o conceito de gênero, um dos conceitos fundamentais que pretendo problematizar neste artigo. Segundo Joan Scott (1990), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica dos sexos. É uma análise do conceito e da categoria gênero no campo das ciências humanas e sociais para as quais o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico ou o que se diz a partir das diferenças percebidas entre os sexos.

Estudar gênero passa a se constituir como uma forma de compreender as relações sociais a partir de conceitos e representações em práticas sociais desenvolvidas entre as pessoas. Como se constroem as relações entre as pessoas, sejam elas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, de idade, classe social, cor e raças iguais ou diferentes é uma das preocupações cerne das pesquisas em que se tematiza o conceito de gênero e da compreensão ou juízo de valor que as pessoas têm sobre as

outras a partir da anatomia sexual e conformação social. A negação de diferenças individuais, a imposição de um padrão e as representações sobre os atores sociais são, também, objetos de estudos e análises.

A despeito da presença das relações de gênero na teoria feminista, Yannoulas (2003, p. 15) diz que “o ponto de partida e a estratégia de análise propostas pelas feministas acadêmicas afirmam que gênero é um dado crucial na investigação científica em função de duas perspectivas: como forma de classificação social a ser resgatada ou procurada no ‘real’; e como dado constitutivo da identidade do sujeito que investiga e produz saberes”. Isso implica que mulheres são simultaneamente pesquisadoras e objeto de pesquisa, desconstruindo a noção consagrada de neutralidade na pesquisa.

Segundo Gabrielli (2007), a crítica à neutralidade empreendida pelas e pelos acadêmicos feministas visa a demonstrar que a ciência denominada neutra é construída desde o princípio por homens. A Análise de Discurso Crítica também não se pretende neutra, e posiciona-se, como já foi dito, em favor da resolução de um problema que tenha a ver com situações de opressão, dentro de uma luta hegemônica e disputa de poder, dialogando perfeitamente, pois, teoria feminista e a análise de discurso crítica.

Outra possibilidade de aproximação teórica é a que diz respeito à utilização de conceitos e teorias legitimadas no campo da ciência, buscando desvelar esses conceitos a partir do estudo das ideologias ali contidas. A análise da conjuntura e condições de produção dos discursos também é uma interface interessante entre os estudos da ADC e os estudos Feministas.

Magalhães afirma que a maior mudança de foco na área dos estudos de gênero deve-se a Judith Butler (1990), que apresentou a seguinte definição para o termo:

“Gênero é uma estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos, num quadro regulamentador altamente rígido, que congelam ao longo do tempo, produzindo a aparência de substância,

de um tipo natural de ser”. (BUTLER, 1990, p.33, apud MAGALHÃES, 2008, p.63).

Ainda em Magalhães (2008), são apresentadas três abordagens propostas por Deborah Cameron (1995) para os estudos de gênero e linguagem que a autora julgou como problemáticas. A abordagem do déficit trata as mulheres como falantes em desvantagem em virtude de sua socialização prévia (LAKOFF, 1975). Adotando o enquadre etnometodológico, a abordagem da dominância examina a negociação em interações entre mulheres (relativamente sem poder) e homens (ZIMMERMAN e WEST, 1975). A terceira abordagem é a da diferença cultural, em que são feitas “analogias entre gênero e outras divisões sociais como etnia” (CAMERON, 1995 apud MAGALHÃES, 2008). O pressuposto nessa abordagem é que o processo diferenciado de socialização de crianças e adolescentes resulta em diferenças entre mulheres e homens nos propósitos estilos comunicativos (Maltz e Borker, 1982; Tannen, 1991).

De maneira conclusiva, as identidades de gênero deixam assim de ser vistas como fixas, passando a ser vistas como construídas quando repetidas em um contexto social de controle, como na escola, de maneira múltipla e multifacetada. Louro (1997) cita Joan Scott para levantar a possibilidade de desconstrução entre o caráter permanente de oposição binária entre o masculino e o feminino, ou seja, a crença de que há entre os dois gêneros uma relação intrínseca de dominação-submissão.

Há muitas outras relações e interfaces possíveis entre os estudos de gênero e linguagem. Ostermann e Fontana (2010) traduziram artigos e capítulos de obras clássicas que foram produzidas e publicadas em especial entre os anos 70 e 90 do século XX, período muito fértil de produções acadêmicas que lançaram luz na relação entre estudos de gênero, sexualidade, linguagem e discurso.

## As possibilidades teóricas para os conceitos de Gênero, Sexualidade e os estudos *queer*.

### Gênero e sua abrangência nas Ciências Sociais

O conceito de gênero é bastante abrangente e possui uma longa trajetória de estudos e problematizações por pesquisadoras e pesquisadores. Sobre sua abrangência, Grossi (1998) afirma que foi somente a partir de 1989 que o termo gênero passou a ser amplamente utilizado pelas Ciências Sociais no Brasil. O que os estudos de gênero propostos a partir de então, assevera Grossi, vão problematizar é justamente a determinação biológica da "condição feminina". O conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria "gender" para falar das "origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres". O conceito de gênero está colado, no Ocidente, ao de sexualidade, o que promove uma imensa dificuldade no senso comum – que se reflete nas preocupações da teoria feminista – de separar a problemática da identidade de gênero e a sexualidade, esta marcada pela escolha do objeto de desejo.

Se gênero é a categoria que utilizamos e criamos, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres em suas relações sociais determinadas historicamente, fica fácil confundir gênero com sexo e deixar de lado os e as homossexuais, travestis e transexuais. Segundo Grossi, quando falamos de sexo, referimo-nos apenas a dois sexos: homem e mulher (ou macho e fêmea, para sermos mais biológicos), dois sexos morfológicos sobre os quais "apoiamos" nossos significados do que é ser homem ou ser mulher. Estas questões nos levam a refletir sobre a problemática da homossexualidade<sup>2</sup> e sobre os desempenhos de papéis de gênero fortemente associados às sexualidades. Um outro aspecto fundamental, aponta a autora, além dos papéis de gênero desempenhados pelas pessoas e fortemente associados à sexualidade, é a questão da identidade de

---

<sup>2</sup> A autora se refere a homossexualidade como homoerotismo. Dado o recorte de corpus que pretendo propor para a minha pesquisa, optei pela não utilização do termo, visto que pretendo trabalhar com crianças e adolescentes na puberdade, momentos da vida que, julgo, ainda estão sendo formados as noções de erotismo e sexualidade. Desta forma, preferi manter o termo homossexualidade, mais recorrente na literatura.

gênero, algo um pouco mais complexo, porque remete à constituição do sentimento individual de identidade, tema fundamental na pesquisa que pretendo desenvolver. Como as identidades são formadas, constituídas, negociadas, trocadas e como a questão da identidade de gênero que foge à expectativa do corpo biológico são temas centrais para a minha pesquisa. Neste ponto, Grossi relembra o papel fundamental da língua na constituição das identidades dos sujeitos, visto que “a língua é um elo fundamental do indivíduo com sua cultura”. Para Stoller (1978, *apud* GROSSI, 1998), “todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino.”. Grossi (1998) aponta que a sexualidade é também um produto de questões históricas e culturais. Desta forma, a proibição, criminalização ou aceitação de práticas homossexuais são elementos da cultura, podendo ser culturalmente alterados. A escolha do objeto sexual não necessariamente dirá respeito a uma mudança na identidade sexual de um indivíduo, não havendo, pois, a necessidade de se teorizar a respeito de um ‘terceiro gênero’.

Em resumo, Grossi considera sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (ou os papéis sexuais); que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos.

### **A identidade de gênero**

Ainda sobre a identidade de gênero, tema central da minha pesquisa como mencionado anteriormente, é preciso levar em conta que, segundo Henrietta Moore (2000), a identidade de gênero é construída e vivida. Uma observação, segundo a autora, fácil de fazer, mas muito difícil de desenvolver analiticamente; e sobre a qual é também muito difícil saber como agir politicamente, assim como tipos de agência, resistência e obediência são notoriamente difíceis de analisar. Segundo Moore, resistência e obediência não são apenas tipos de agência, são também formas ou

aspectos da subjetividade; tanto como tipos de subjetividade quanto como formas da subjetividade são marcadas por estruturas de diferença fundadas no gênero, na raça, na etnicidade. De um ponto de vista analítico e político, elas devem ser especificadas no contexto e nunca supostas de antemão. Ao fazer estas ponderações Moore aponta caminhos metodológicos que também são basilares para as pesquisas com vista ao empoderamento<sup>3</sup> seguindo a tradição da Análise de Discurso Crítica.

Sobre a relação entre diferença de gênero e tipos de agência, Moore (2000) lembra que os discursos sobre sexualidade e gênero frequentemente constroem mulheres e homens como tipos diferentes de indivíduos ou pessoas. Essas pessoas marcadas por gênero corporificam diferentes princípios de agência – como no caso de muitas culturas ocidentais, onde a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto que a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. Desta forma, discursos sobre gênero e categorias de gênero não são poderosos porque oferecem descrições acuradas de práticas e experiências sociais, mas porque, entre outras coisas, produzem homens e mulheres marcados por gênero, como pessoas que são definidas pela diferença. Ainda segundo a autora, essas formas de diferença são o resultado da operação da significação e do discurso, e quando postas em jogo fazem surgir os efeitos discursivos que produzem a própria diferença de gênero, assim como categorizações de gênero.

Não havendo uma única identidade feminina ou masculina, Moore novamente dialoga com o enquadre teórico da Análise de Discurso Crítica proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) ao afirmar não mais ser possível analisar discursos sobre gênero, onde quer que ocorram, sem reconhecer as maneiras pelas quais estão implicados em processos mais amplos de mudança econômica e política muito além do controle das comunidades locais. A experiência pessoal do gênero e

---

<sup>3</sup> Segundo Magalhães (1994; 1998; 2006) quando uma pesquisa é ‘sobre’ os (e as) participantes e realizada colaborativamente ‘com’ eles (e elas) esta pesquisa visa ao empoderamento. Magalhães (2006) recomenda o uso de métodos interativos e dialógicos “em oposição a estratégias positivistas de distanciamento ou de objetivação” (CAMERON *et.al.*, 1992, *apud* MAGALHÃES, 2006).

das relações de gênero está ligada ao poder e às relações políticas em diversos níveis. Uma consequência disso é o que a autora afirma ao dizer que fantasias de poder são fantasias de identidade.

### **Estudos feministas e os “novos” estudos da teoria *queer***

61

Para a minha pesquisa e para mim, enquanto autora e pesquisadora, é importante deixar marcado que por mais que eu vá trabalhar com múltiplas identidades de gênero foram e são as pesquisas feministas que serviram de base para a escolha dos meus objetos e problemas de estudo. Segundo Margareth Rago (2004) o feminismo é reconhecido como um dos maiores e mais bem sucedidos movimentos do século 20, tendo alcançado o reconhecimento público, em especial o feminismo brasileiro, como movimento social relativamente avançado em relação aos outros países, não só da América Latina.

A autora assevera que especialmente a partir da constituição de um novo olhar sobre si e sobre o outro, o mundo tem-se tornado mais feminino e feminista, libertário e solidário ou, em outras palavras, filógeno, - isto é, contrário a misógino -, amigo das mulheres e do feminino, o que resulta decisivamente do aporte social e cultural das mulheres no mundo público.

No entanto, Rago (2004) aponta inúmeras críticas que podem ser feitas ao movimento e quais os caminhos que ele teria ou deveria seguir. Segundo a autora, dentre as suas inúmeras críticas, o feminismo investiu incisivamente contra o sujeito, não apenas tendo como alvo a figura do homem universal, mas visando a própria identidade da mulher. Desnaturalizando-a, mostrou o quanto a construção de um modelo feminino universalizante foi imposta historicamente pelo discurso médico vitoriano, pelo direito, pela família, pela igreja, enfim, pelo olhar masculino reforçado, principalmente nos centros urbanos, pelos estímulos da indústria de consumo. Já são inúmeros os estudos, pesquisas, livros, publicações e revistas que desconstruem as muitas leituras sobre o corpo e a fisiologia da mulher, seus

sentimentos, desejos e funcionamentos físicos e psíquicos, subvertendo radicalmente a ordem masculina do mundo, especialmente ao desconectar a associação estabelecida entre origem e finalidade, que justificava a definição de uma suposta essência feminina a partir de sua missão para a maternidade.

A contrapartida e os novos caminhos que o feminismo inaugura, no entanto, apontam para o fato que as feministas são capazes de inventar novos mundos, organizar de modo não-elitista, dar respostas diferentes das já conhecidas e que não satisfazem apenas a alguns setores sociais e sexuais. Mostram que as mulheres podem criar novas ciências, novas formas de produção de conhecimento, - as epistemologias feministas, transversais -, pois as mulheres estão em todas as classes e grupos sociais, orientadas por agendas feministas. Um dos grandes trunfos do movimento é que ele não visou apenas o benefício das mulheres, pois atingiu e desestabilizou também a solidez da identidade masculina do guerreiro, valorizada, desde o século 19, em oposição ao modelo aristocrático de masculinidade. A autora conclui dizendo que

“O feminismo, tanto enquanto teoria, como enquanto prática, teve e tem uma função social eminentemente política, por seu potencial profundamente subversivo, desestabilizador, crítico, intempestivo, assim como pela vontade que manifesta de tornar o mundo mais humano, livre e solidário, seguramente não apenas para as mulheres. Por tudo isso, não pode recuar diante do enorme desafio que é uma avaliação contínua das próprias subjetividades e dos estilos éticos/estéticos de existência que promove, impedindo a ação das forças reterritorializantes paralizadoras, pois modos feministas de existir só devem se tornar incômodos enquanto movimentos intensos de afirmação da vida.” (RAGO, 2004, p. 13)

Uma das principais críticas à heterossexualidade e à heteronormatividade como modelos sociais prescritivos, críticas fruto dos movimentos feministas, são as teorias *queer*, fundadas no início dos anos 90 do século 20. Segundo Miskolsci (2009), o diálogo entre a Teoria *Queer* e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas

também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica. O estranhamento *queer* com relação à teoria social derivava do fato de que, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade. O pressuposto heterossexista do pensamento sociológico era patente até nas investigações sobre sexualidades não-hegemônicas. Apesar de suas boas intenções, os estudos sobre minorias terminavam por manter e naturalizar a norma heterossexual.

A escolha do termo *queer*, segundo o autor, serviria para “para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma análise da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade.” A teoria *queer* passa então a compreender a sexualidade como um dispositivo histórico de poder, um dispositivo heterogêneo de discursos e práticas sociais sendo que “sua estrutura está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, torna-a compulsória.” (op. cit.).

Os e as teóricas *queer* focaram na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Ao invés de priorizar investigações sobre a construção social de identidades, estudos empíricos sobre comportamentos sexuais que levem a classificá-los ou compreendê-los, os empreendimentos *queer* partem de uma desconfiança com relação aos sujeitos sexuais como estáveis e foca nos processos sociais classificatórios, hierarquizadores, em suma, nas estratégias sociais normalizadoras dos comportamentos. As teorias *queer*, assim como a Análise de Discurso Crítica, impõem às Ciências Sociais a necessidade de rever seus pressupostos, de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica.

Por fim e ainda segundo Miskolsci (2009), o termo *queer* mostra a presença do inconveniente e abjeto na constituição da sociedade, assim como sua re-significação positiva na teoria social, sendo, pois, um campo de estudos que auxiliará sobremaneira a pesquisa que seguirá este artigo.

Por fim, Filho (2003), afirma que desde o conceito de gênero fundado por Joan Scott (1992) há uma preocupação com a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encarcera homens e mulheres em seus limites, aos quais a história deve libertar. Entender o gênero para Scott significa também reconhecer que homem e mulher são “ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes, pois que, quando parecem fixadas, elas recebem, apesar de tudo, definições alternativas, negadas ou reprimidas”. O gênero expõe, ainda, o dilema da diferença, a construção de desigualdades binárias, de diferenças pretensamente naturais, na medida em que muitas vezes os termos mulher e homem são utilizados enquanto categorias homogêneas e sem história, ou sem relação entre si.

As noções de homossexualidade e homoafetividade estariam, então, vinculadas à noção de feminino e masculino. Desta forma, homens homossexuais rebaixam seu sexo

escolhendo estar abaixo de outros homens; e as mulheres lésbicas, por sua vez, usurpam um poder que não lhes pertence, e ao qual sequer podem usar, já que são desprovidas dos meios da consumação da masculinidade. Esta visão, afirma Filho,

“...está baseada numa identidade binária, como recorda Tânia Swain, que opõe bem e mal, boa e má sexualidade ou identidade sexual, a partir de uma “interpretação binária do mundo”. Esta visão está baseada numa identidade binária, como recorda Tânia Swain,. Os atributos considerados femininos são positivos se encontrados em mulheres, mas desqualificam os homens que os possuem, o mesmo se dando com a masculinidade em relação às mulheres. Neste caso, a natureza explica a essência de cada sexo, e perverter esta distribuição de atributos é perverter a própria natureza, sempre sábia em suas “decisões”.” (FILHO, 2003, p. 143)

Neste domínio do binário, as práticas e comportamentos sexuais e afetivos que não obedecem esta distinção dual serão tomadas, como desvio, perversão, “vão ser categorizadas para serem assim melhor excluídas da norma, do ‘normal’”. Contra esta visão redutora, a inclusão da ambigüidade que o termo *queer* oferece, não apenas

enquanto uma sexualidade alternativa, mas como um caminho para exprimir os diferentes aspectos de uma pessoa, um espaço também para a criação e a manutenção de uma polimorfia de um discurso que desafia e interroga a heterossexualidade. Desta forma, vale a pena investir na categoria *queer* em estudos que pensem as diferentes formas de viver a sexualidade e as identidades de gênero.

### **Considerações finais**

Segundo Bento (2006; 2011) os corpos originais já nascem “contaminados” pela cultura, pois antes de nascer uma série de discursos sobre as identidades de gênero e sexualidade já são projetados sobre os corpos, que se tornarão em vida corpos-sexuados. O corpo é, pois, um resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos-sexuais e a linguagem não serviria somente como substituta da realidade, senão para produzi-la e produzir discursos sobre os corpos, as pessoas e suas identidades.

Ainda segundo a autora, há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas. Após o nascimento da criança, as tecnologias discursivas dirigem-se à preparação do corpo para que desempenhe com êxito o gênero. Essa pedagogia dos gêneros hegemônicos tem como objetivo preparar os corpos para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos. Visto ser uma pedagogia que ocorre no seio da cultura, terá como aliada nesta “batalha da produção dos corpos-sexuados” as instituições sociais onde são operadas as construções dos corpos. A escola, segundo Bento (2006; 2011) é um dos locais por excelência da operação de construção das identidades de gênero, onde emergem discursos de gênero que desempenharão a função de doutrinar, punir e controlar os corpos.

A escola trata-se de um “espaço de terror” (BENTO, 2006), onde crianças e jovens que possuem identidade de gênero ou sexualidade diferente do considerado “normal” sofrem de preconceito, violência, constituindo-se de uma instituição saturada, produtora e reprodutora da homofobia. Um dos reflexos das consequências

da violência que ocorre na escola são os altos índices de evasão escolar entre pessoas transexuais e transgênero (BENTO, 2006). Há o que Bento (2006) chama de heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica.

Essas verdades, segundo Bento (2006) são repetidas por diversos caminhos, por várias instituições. A invisibilidade é um desses mecanismos, e quando “o outro”, “o estranho”, “o abjeto”, aparece no discurso é para ser eliminado. É um processo de dar vida, através do discurso, para imediatamente matá-lo. Por esses motivos e pelos anteriormente explicitados, por ser no e através do discurso que identidades de gênero e sexualidade se materializam e são criadas lutas hegemônicas e imposição de *habitus* dominantes, que a pesquisa que seguirá este artigo e as reflexões aqui propostas são importantes, pois não basta apenas identificar uma situação de opressão e teorizar a respeito da mesma, senão buscar formas de luta e resistência, através de uma ciência crítica e contestadora, como mostrou-se ser o feminismo. Desta forma, as reflexões iniciais aqui apresentadas tiveram por objetivo não só traçar um fio condutor que relacione teorias de gênero, linguagem, discurso e sexualidade, mas de buscar novos caminhos para estudos que sigam as trajetórias até então conquistadas rumo à produção de saberes críticos e que visem à mudança social.

## Referências:

BENTO, Berenice. *A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: GARAMOND/CLAM, 2006. v. 01. 250p

\_\_\_\_\_. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. único, p. 32/48, 2011.

BORDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Seculo - Edições, Sociedade Unipessoal, Lda, 1984.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in LateModernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

GABRIELLI, C. P.. *Análise de discurso crítica e teoria feminista: aproximações teórico-metodológicas*. In: XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL- Associação nacional de pós-graduação em letras e lingüística, 2007, Ilhéus. Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL, 2007

GIDDENS. Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GROSSI, Mírian. *Identidade de Gênero e Sexualidade. Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, p. 1-18, 1998.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero*. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

MAGALHAES, Maria Izabel. . *Teoria Crítica do Discurso e Texto*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão/SC, v. 4: Esp., p. 113-131, 2004.

\_\_\_\_\_. *Discursos e Identidades de Gênero na Alfabetização de Jovens Adultos e no Ensino Especial*. *Calidoscópio* (UNISINOS), v. 6, p. 61-68, 2008.

MATOS, M. I. S. de. *Na rama do cotidiano*. Cadernos Ceru, 5(2): 13-27, 1994.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*. no.21 Porto Alegre Jan./June, 2009

MOORE, Henrietta. "Em torno das corporalidades" in GREGORI, Maria F. PISCITELLI, Adriana G. (Org.). *Corporificando Gênero*. In *Cadernos Pagu*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2000.

MOSS, Gemma. *Literacy and Gender: Researching texts, contexts and readers*. London: Routledge, 2007.

OLENSEN, V.L. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In: *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª. ed. Porto Alegre, Artmed Bookman, p. 219-258, 2006.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (organizadoras). *Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos Traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, Cláudia Lima e SCHMIDT, Simone Pereira (org). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. p. 31-42

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: *Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990.

SOUSA, V. A. & CARVALHO, M. E. *Por uma educação escolar não-sexista*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. 27 p.

TORRÃO FILHO, Amílcar. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Cadernos Pagu, Campinas, n.24, jan./jun. 2005, p. 127-152.

ANNOULAS, Silvia; et al. *Lineamentos epistemológicos*. Trad. Syomara Deslandes Tindera. Brasília, 2003. Disponível em:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso/linea.pdf> (anexo I).